

EMPREGO FORMAL E OS EFEITOS DA CRISE ATUAL NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM BELÉM

Welson de Sousa Cardoso, cardoso@ufpa.br, Brasil.
Roselene de Souza Portela, roseleneportela@yahoo.com.br, Brasil.
Maria Elvira Rocha de Sá, marel.rdsa@gmail.com, Brasil.
Eliza Maria de Almeida Vasconcelos, vasconcelos.ema@gmail.com, Brasil.

RESUMO

A discussão proposta no presente trabalho foi extraída de uma pesquisa sobre mercado imobiliário e verticalização como expressão da segregação socioespacial no município de Belém/PA, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). A abordagem teórica assentada na teoria social crítica produzida por Marx e Engels (1998), Harvey (2011), Antunes (2008), Lessa (2011), Pochmann (2008), Santos (2011), entre outros, buscou-se revelar os efeitos da crise atual sobre os empregos formais do setor da construção civil em Belém/PA, que se expressam pelas metamorfoses do capital, com ênfase na financeirização, e do “trabalho vivo”, entendido como “trabalho humano”, com a prevalência da precarização das condições de trabalho e da agudização de perdas de direitos trabalhistas conquistados em lutas históricas, marcadas por assassinatos seletivos de lideranças sindicais. No município de Belém, o quadro é revelado pela perda de 15.605 postos de trabalho em 2014 em relação à 2013, (-17,42%), reduzindo para 25.685 empregos formais em 2014.

Palavras-Chave: Crise, Emprego, Construção Civil.

ABSTRACT

The discussion proposed in this work was drawn from a research on the real estate market and verticalization as an expression of socio-spatial segregation in the municipality of Belém / PA, developed under the Postgraduate Program in Sustainable Development of the Humid Tropics (PPGDSTU) of the Altos Nucleus Amazonian Studies (NAEA) of the Federal University of Pará (UFPA). The theoretical approach based on the critical social theory produced by Marx and Engels (1998), Harvey (2011), Antunes (2008), Lessa (2011), Pochmann (2008), Santos (2011), among others, effects of the current crisis on the formal jobs of the construction sector in Belém / PA, which are expressed by the metamorphoses of capital, with an emphasis on financialization, and "living labor", understood as "human labor", with the prevalence of precariousness working conditions and the worsening of the loss of labor rights won in historical struggles, marked by selective assassinations of trade union leaders. In the municipality of Belém, the figure is revealed by the loss of 15,605 jobs in 2014 compared to 2013 (-17.42%), reducing to 25,685 formal jobs in 2014.

Key Words: Crisis, Employment, Construction.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla sobre o mercado imobiliário e a verticalização como expressão da segregação socioespacial em Belém/Pará/Brasil desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA), cujo principal produto foi uma tese de doutorado defendida no referido programa.

Este texto tem por objetivo fazer uma abordagem teórica sobre os efeitos da atual crise do setor da construção civil em Belém no emprego formal. Para tanto, seu alicerce teórico está assentado na teoria social crítica, e tangencia os autores de perspectivas teóricas marxista como Ricardo Antunes (2008), David Harvey (2011), Márcio Pochmann (2008), Milton Santos (2011), Carlos Lessa (2011) entre outros.

Após entrar em contato com o movimento operário na Inglaterra e com as ideias de Friedrich Engels, Marx inicia seu amadurecimento intelectual e demonstra autonomia em relação tanto ao idealismo hegeliano, quanto a imutabilidade mecanicista do materialismo clássico. Em 1845, juntos escrevem “A Ideologia Alemã”, obra que expõe a concepção materialista da história, expondo o surgimento da cidade capitalista, além de apresentar o conceito de alienação. Um dos conceitos fundamentais da filosofia de Marx. Para ele

[...] o mundo dos homens nem é pura ideia nem é só matéria, mas sim uma síntese de ideia e matéria que apenas poderia existir a partir da transformação da realidade (portanto, é material) conforme um projeto previamente ideado na consciência (portanto, possui um momento ideal). (LESSA, 2011, p.41).

Eis que surge o chamado materialismo histórico. (KONDER,1968). É evidente que não há pretensões aqui de esgotar a categoria trabalho, tarefa que considero como muitos, impossível. E até mesmo pelas limitações desse artigo, bem como, extrapola seus objetivos. O materialismo de Marx é histórico e dialético (CASTEL, 2001; HARVEY, 2011; LESSA, 2011; POCHMANN, 2008). A materialidade de que Marx (1994) se refere é a materialidade social: as condições de produção e reprodução da vida social.

Segundo Lessa (2011) o debate contemporâneo sobre trabalho expõe duas grandes correntes ideológicas que se antagonizam, vejamo-las em linhas gerais. Primeiro, uma corrente tida por ele como conservadora, com aproximação do irracionalismo de Heidegger, e também, embora como afirma o autor com mais sofisticação, encontra-se com Habermas, Arendt e outros, estes por sua vez negariam a possibilidade da extinção

da exploração entre os homens, pois “o capitalismo, a democracia burguesa e o mercado são as mediações insuportáveis da vida civilizada”. (LESSA, 2011, p.13).

E uma outra, como preconiza Antunes (2008) sustentada pela possibilidade de ruptura anticapitalista através da organização e mobilização da classe explorada a tal ponto de suscitar a revolução socialista, engendrada num contexto dialético da luta de classes, aludindo essa mesma luta a transitoriedade da história humana.

Assim, o trabalho pode ser entendido como a mediação entre os homens e a natureza na produção das condições materiais, estas tanto fundamentais como necessárias à existência da vida em sociedade. Marx (1994) chamou de alienação do trabalho o fenômeno pelo qual o produtor não tem domínio sobre o produto de seu trabalho, ao invés disso fica subordinado às exigências do produto e do mercado capitalista. (KONDER,1968). Ainda com base em Konder (1968) pode-se dizer que todo o construto teórico-metodológico de Marx (1994), portanto, suas obras correspondem a um percurso, através do qual, alicerça a fundação de uma teoria social ensejada na pesquisa e na análise crítica do desenvolvimento da classe burguesa com seu eixo de sustentação: o capitalismo.

Ainda Marx e Engels propõem que a reflexão teórica significa a re-produção ideal do movimento real do próprio ser social, entendido como o modo de ser do ser social, apreendido como um ser concreto, numa sociedade de antagonismos e contradições, oriundas de estruturas. Esta teoria se articula sobre uma perspectiva de totalidade.

Com o “desenvolvimento das chamadas forças produtivas” (SANTOS, 2011; SINGER,1990) e dos meios de produção as relações de trabalho sofreram grandes transformações. No que se refere a abrangência e alcance dessas transformações Singer suscita - em decorrência dos impactos desencadeados sobre a cidade a partir desse desenvolvimento - não seria impossível falar em “revolução urbana”, o caminho foi aberto com,

[...] a expansão da divisão de trabalho intra-urbana, ensejada pelo crescimento da cidade se desdobra, a partir de certo momento, na constituição de uma divisão de trabalho entre diferentes núcleos urbanos. Este desdobramento eleva as forças produtivas a um novo patamar, pois permite o surgimento de atividades especializadas que suprem uma demanda muito mais ampla que a do mercado local. (SINGER, 1990 p.19).

Estas transformações foram capitaneadas pelo surgimento do sistema capitalista, este por sua vez acarretou a separação entre o homem e os meios de produção - o homem que produz -, para concentra-se nas mãos dos detentores do capital. No início do

capitalismo, ainda era possível encontrar modelos de utilização dos recursos em multiplicidade. Este cenário se modifica com o fim da segunda Guerra Mundial e o advento do capitalismo tecnológico, onde a sociedade,

Assiste neste último quarto de século, a uma aceleração das mutações. Cada vez mais o homem se vê obrigado a utilizar técnicas que ele não criou, para produzir para outros aquilo de que não necessita ou que não tem os meios de utilizar. (SANTOS, 2011, p. 138).

É portanto, no mundo contemporâneo, segundo vem nos alertando Antunes (2008), a desenfreada eclosão de novas configurações como a desconcentração do espaço físico produtivo, modalidades de flexibilização, heterogeneização, complexificação e fragmentação no mundo do trabalho, com rebatimento direto sobre a classe trabalhadora, trazendo à tona a centralidade da categoria trabalho, em significativa dissonância com aqueles que previam o fim do trabalho. Não pretendemos esgotar a discussão sobre estes conceitos, tão somente apreender suas principais determinações.

1 - O TRABALHO NO CONTEXTO DO EMPREGO FORMAL

O que é trabalho? Que implicações sobre o trabalho na construção civil as crises do capital produziram? Não há como iniciar esse artigo sem esclarecer que a complexidade inerente à categoria trabalho certamente aqui não será esgotada, várias são as contribuições teóricas postuladas por diversos autores sem nem de longe exaurir esta categoria de análise. Logo, objetivando reunir apenas alguns subsídios conceituais para esta discussão onde serão utilizadas referências como Marx (1994), Antunes (2008) e Pochmann (2008).

Na concepção marxista o homem se autoproduz através do trabalho, ao mesmo tempo produz sua história, sua cultura. Torna-se fácil compreender como a produção do conhecimento tem como base a apreensão da produção e reprodução da vida humana. Fica evidente que o sentido do trabalho independente de todas as formas de sociedade é uma condição de existência do homem. Contudo, se Marx (1994) toma para si esta verdade, é porque acredita que o trabalho tem como princípio ser formador de valor-de-uso, porém, a essência da produção capitalista lhe subtrai ou nega ao estabelecer que “ao trabalhador lhe é completamente indiferente o tipo de valores de uso por ele produzido, não tendo com eles nenhuma relação” (ANTUNES, 2008, p. 127). Nesse sentido como explicar o intercâmbio entre o homem e a natureza a partir do trabalho? Tarefa possível quando pautamos em Antunes fundamentado em Marx a resposta.

[...] na concretude do capitalismo tem-se, portanto, que tudo é reificado e as relações ontológicas fundamentais são postas de cabeça para baixo. O indivíduo é confrontado com meros objetos (coisas, mercadorias), quando seu “corpo inorgânico” – “natureza trabalhada” e capacidade produtiva externalizada – foi dele alienado. Não tem consciência de um “ser pertencente a uma espécie” (...), em outras palavras, um ser cuja essência não coincide diretamente com a sua individualidade.

A atividade produtiva, dominada pela fragmentação e isolamento capitalista, onde os homens são atomizados, não pode realizar adequadamente a função de mediação entre homem e natureza porque “reifica” (coisifica) o homem e suas relações e o reduz ao estado de um animal natural. Em lugar da consciência de ser social, têm-se o culto da privacidade, a idealização do indivíduo tomado abstratamente. Ao invés do trabalho como atividade vital, momento de identidade entre o indivíduo e o ser genérico, tem-se, nas sociedades regidas pelo capital, uma forma de objetivação do trabalho, onde as relações sociais estabelecidas entre os produtores assumem, conforme Marx, a forma de relação entre os produtos do trabalho. A relação social estabelecida entre os homens adquire a forma de uma relação entre coisas. (ANTUNES 2008 p.128).

Uma forma simplificada seria dizer então que através do trabalho deveria ocorrer a satisfação das necessidades da vida material e das necessidades subjetivas. A elevação do espírito e o sentido da existência humana se concretiza. Entendemos assim, o trabalho fundamenta o ser social, na relação metabólica com a natureza transformada pelo próprio homem, portanto, essa relação produz a vida material da sociedade. (LESSA, 2011).

Antunes(2008) fala de um processo metabólico gerado pelo trabalho, confirma ainda mais sua afinidade com o pensamento marxista, pois afirma que o trabalho está presente em todas as fases do processo criativo do homem, já em Marx (1989) o trabalho é o tornar-se-para-si do homem, numa proposição parte em direção da análise do mundo real, concreto objetivado. Se o trabalho pode ser concebido como o vir a ser do sujeito que se faz como ser social. Igualmente, o trabalho é hierarquizado, subjetivo, envolto no capitalismo por uma funcionalidade exterior, por subordinação e estranhamento ou alienação.

Por alienação, podemos inferir a partir de dois aspectos: i) Primeiro durante o processo produtivo, todo o esforço, o objeto, a comunhão das forças depreendidas, não consegue assegurar que o resultado do trabalho pertença ao homem, ao invés disso, o objeto é a ele exterior, ii) Segundo o trabalho produzido pelo homem, na verdade pertence ao outro, ou seja, durante o processo produtivo ocorre a exteriorização do próprio trabalho, é um processo arbitrário, compulsório, ele não se satisfaz pelo trabalho. Em última instância, esvaziado de sentido por quem o realiza, no entanto dele depende, a ele e por ele é submetido.

Ainda sobre os sentidos do trabalho Lessa e Tonet (2011) destacam o processo de objetivação, através dele, “o indivíduo também se constrói” (idem p. 19). A antecipação

mental ou objetiva daquilo que se pretende produzir suscita novos conhecimentos, assim inerente a transformação da natureza ocorre a objetivação prévia ou resposta concreta mediatizada pela ação do homem, ou seja, o trabalho.

Nesse sentido Marx (1994) elabora o registro necessário, pois em seus estudos filosóficos propõe embasamentos do conceito de trabalho subsequentes ao ser social. Para ele a sociedade é o conjunto de relações que os homens estabelecem entre si, onde ocorre a exploração de um lado, e de outro, o acúmulo de riqueza. Nestas circunstâncias dar-se-á a Lei Geral de Acumulação. Pela Lei Geral da Acumulação Capitalista, ela, a produção aliena, coisifica o homem. Como dito anteriormente, sua teoria se debruça sobre o estudo das relações entre os homens, onde a sociedade capitalista preceitua a exploração do homem, do trabalhador.

A situação dos trabalhadores dos mais variados segmentos, do setor formal na atualidade pode representar o sentido mais perverso de alienação, pois nas palavras de (Antunes, 2008; Pochman, 2008) a precarização – um dos sintomas do capitalismo flexível – a que são submetidos em diversas regiões do mundo, inclusive no Brasil, com maior expressão nas metrópoles sintetiza os efeitos do sobretrabalho, da terceirização e do aumento da informalidade, mecanismos cada vez mais potencializados pela globalização.

Para Pochman (2008) sob os ditames do paradigma técnico-produtivo, já discutido por Santos (1997) que culminou na substituição do modelo da produção taylorista-fordista por formas de produção flexibilizadas e desregulamentadas (ANTUNES, 2008), tendo como maior expressão a acumulação flexível caracteriza uma perversa transição causadora de um complexo contexto de reconfiguração produtiva sob o qual a centralidade da categoria trabalho expressa as mudanças impostas pelo capitalismo.

No trecho a seguir Antunes e Druck (2015) reafirmam esta posição, quando dizem:

O capitalismo no plano mundial, nas últimas quatro décadas, se transformou sob a égide da acumulação flexível, trazendo uma ruptura com o padrão fordista e gerando um modo de trabalho e de vida pautados na flexibilização e precarização do trabalho. São mudanças impostas pelo processo de financeirização e mundialização da economia num grau nunca antes alcançado, pois o capital financeiro passou a dirigir todos os demais empreendimentos do capital, subordinando a esfera produtiva e contaminando todas as suas práticas e os modos de gestão do trabalho. O Estado passou a desempenhar um papel cada vez mais de “gestor dos negócios da burguesia financeira”, cujos governos, em sua imensa maioria, pautam-se pela

desregulamentação dos mercados, especialmente o financeiro e o de trabalho. (ANTUNES E DRUCK, 2015, p.20).

Embora as ideias dominantes insistam em obscurecer ou minimizar a repercussão negativa do conjunto de transformações societárias deflagradas de forma contundente a partir do século XX, o processo produtivo por elas sustentado segue uma lógica excludente. Principalmente, se toma o âmbito do agravamento da questão social, das implicações no mundo do trabalho, mas a análise a luz das questões sociais implícitas na esfera da reprodução societal conduz na verdade, ao entendimento que,

A década de 1980 presenciou, nos países de capitalismo avançado, profundas transformações no mundo do trabalho, nas suas formas de inserção na estrutura produtiva, nas formas de representação sindical e política. Foram tão intensas as modificações, que se pode mesmo afirmar que a classe que vive do trabalho sofreu a mais aguda crise deste século, que atingiu não só a sua materialidade, mas teve profundas repressões na sua subjetividade e, no íntimo, ter relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser. (ANTUNES, 2008 p.21).

O corolário resultante destas relações é a vigência da mundialização do capital, caracterizada, dentre outras, pelo desemprego estrutural pela redução e precarização das condições de trabalho consequência da constituição de perversas formas de exclusão dos trabalhadores. Simultaneamente, se tem a geração de mais postos de trabalho precário, adicionada pela desaceleração produtiva, que afeta da China ao Chile, da Grécia ao Brasil, em diferentes economias desenvolvidas ou tidas emergentes a dicotomia centro-periferia parece não mais ser suficiente para sustentar algumas explicações. Há ainda o aumento das taxas de desemprego e de informalidade no mundo.

Essa digressão é necessária para subsidiar a análise adotada nessa investigação. Estaríamos vivenciando conforme Pochmman (2008) uma profunda mudança na base técnica. Nesse sentido, Harvey (2011) confirma ao dizer que:

Os sistemas de produção e processos de trabalho estão também profundamente implicados no modo como a vida diária é reproduzida pelo consumo. Nenhum deles é independente das relações sociais dominantes, da relação com a natureza e das tecnologias e formas de organização devidamente constituídas. (HARVEY, 2011 p.103).

A posição de Antunes (2008) aproxima-se de Harvey (2011) ao afirmar que a classe trabalhadora não tende a desaparecimento, ao contrário, ontologicamente o trabalho continua estruturante na organização da vida em sociedade. Portanto, revestido de elementos de continuidade, de centralidade, e fundamentalmente emancipatório, inspirando o exercício reflexivo.

2 - AS IMPLICAÇÕES DA DESACELERAÇÃO ECONÔMICA SOBRE O MERCADO IMOBILIÁRIO EM BELÉM

Tende a ser ponto de convergência o fato da desaceleração econômica ou retração segundo determinados economistas, iniciada em 2013, ter atingido diversos setores ou mercados específicos da economia nacional em diferentes escalas, desdobrando-se sobre seus agentes. Dentre estes nos interessa identificar o mercado imobiliário formado pelo capital, pelo Estado, pelas construtoras e incorporadoras, construção civil, corretoras e agências de financiamento público e privado, compõe, portanto, um imbricado de agentes e apêndices, tais peculiaridades tornam sua situação particularmente complexa.

Como consequência da crise foi sendo gerada uma anormalidade de desproporcionalidade entre a oferta de imóveis, resultado do “*boom imobiliário*”, ou seja, dos anos de euforia que levaram a um excesso de ofertas em algumas grandes e médias cidades brasileiras, e a demanda por imóveis, em todo o país, inclusive no lócus desta pesquisa, a cidade de Belém. Consequentemente, o mercado, registra inclinação negativa no número de lançamentos de unidades residenciais e operações de compra. A rentabilidade do setor caiu de 11,2% em 2013 para 2,3% em 2014, pois há no segmento de imóveis comerciais e residenciais o excesso de estoque das construtoras.

Como exemplo da incidência da crise, nos chama atenção a afirmação do DIEESE (PA), em maio de 2015,

Apesar de continuar em destaque na geração de empregos na região Norte, o número de empregos formais no estado do Pará apresentou queda no mês de fevereiro, segundo um balanço do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) divulgado nesta quarta-feira (18). De acordo com pesquisa, foram realizadas em todo o estado 29.409 admissões contra 30.260 desligamentos no mês passado, o que gerou um saldo negativo de 851 postos de trabalhos no setor formal da economia em relação ao mês de janeiro. Ainda de acordo com pesquisa, a maioria dos setores econômicos do estado apresentou queda na geração de emprego formal, com destaque para o setor da construção civil, que apresentou queda de 1.066 postos de trabalho, seguido do setor da indústria de transformação, com saldo negativo de 921 postos de trabalho; e setor da agropecuária, com saldo negativo de 230 postos de trabalho. Em todo o Pará foram realizadas 57.881 admissões contra 63.135 desligamentos durante os primeiros dois meses de 2015. Os setores econômicos do estado que apresentaram os maiores recuos na geração de empregos formais foram o da construção civil, com decréscimo de 2,5%; indústria de transformação, com decréscimo de 1,21%; e setor extrativa mineral, com decréscimo de 0,93%. (G1-PARÁ 18/03/2015, Acesso em 30/09/15).

Ao enunciar a retração da economia aliado e por ela impactado os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego

(CAGED), demonstram que em maio de 2015 o mercado da construção fechou 115.599 postos de trabalho em todo o país, confirmando os dados acima citados pelo DIEESE (PA).

Ao final do ano de 2015 esses números confirmaram a tendência de queda no desempenho da atividade da construção civil do Estado do Pará com um número total de admissões 77.666 em 2015 contra 113.748 admitidos em 2014, significando uma queda de -31,7%. Os desligamentos em 2015, um total de 102.770 foi um pouco menor que em 2014 de 110.347 trabalhadores, porém o saldo de emprego em 2014 foi positivo de 3.401 postos de trabalhos enquanto que o saldo no emprego em 2015 foi negativo, com fechamento de -25.104 postos de trabalho. Em 2014 o estoque de emprego na construção civil era de 126.120 postos de trabalho no Pará caindo no final de 2015 para 90.275 postos de trabalho, isto é, uma queda de -28,4% no estoque de empregos no setor. (SINDUSCON-PA, 2015).

Deve-se ter conta que os fluxos financeiros ou capital financeiro incrementados pela indústria da construção civil ao servir como termômetro da economia assim o faz, por que toda mudança na sua dinâmica é capaz de gerar efeitos sobre a economia, desde a oferta ou dispensa de mão-de-obra, passando pela produção, comercialização e distribuição de produtos usados na construção civil.

Tomando por base e parece oportuno a reflexão sobre como o setor imobiliário de forma quase imediata, considerando um curto intervalo de tempo, como dito anteriormente, tem sido impactado acionando um efeito multiplicador atroz, como incidência direta da crise imobiliária e do agravamento do desemprego, em função da importância do fluxo de capital movimentado pelo setor para a economia do país. Portanto, não é casual a abrangência e pertinência desta análise, afinal seus efeitos podem ser percebidos como um fenômeno presente nas grandes e médias metrópoles brasileiras, tal qual está ocorrendo em Belém. Segue-se então que,

As diásporas de todos os tipos (de empresários e trabalhadores) formam redes que criam tramas intrincadas na dinâmica espacial da acumulação do capital. E é exatamente por meio dessas redes que agora assistimos aos efeitos do *crash* financeiro se espalhando em cada canto. (HARVEY, 2011, p. 123).

Desta maneira, a discussão neste estudo partiu desta conjuntura, a fim de caracterizar o mercado imobiliário, em especial, a expansão dos empreendimentos residenciais verticalizados. Vem ao longo das seções considerando o contexto de mudanças societárias processadas, e em curso, em Belém, e a constituição das

peculiaridades da especulação promovida pela financeirização. Com especial atenção as incidências sobre a construção civil.

O setor da construção civil constitui-se um dos termômetros da economia, quando o desempenho do setor resulta em indicadores positivos é sinal de que a economia do país está em ascensão ou em situação de equilíbrio. No país, o setor vem sofrendo perdas a partir de 2013, em função dos efeitos da crise econômica mundial que se reverbera no Brasil em decorrência de alguns fatores como a alta da inflação, queda dos investimentos, aumento do desemprego, sobretudo no setor da construção civil, desequilíbrio na flutuação do câmbio, desencadeando uma queda na produção industrial em especial na indústria da construção.

Entre janeiro e julho de 2016, a situação de descenso no setor da construção civil continua os dados do CAGED revelam que o número de trabalhadores admitidos no período foi de 29.969, enquanto que, foram demitidos 37.705 pessoas, produzindo um saldo negativo de -7.736 postos de trabalho que já se fecharam no setor construtivo, reduzindo o estoque de emprego no setor para 79.024. (Boletim Econômico SINDUSCON/PA, jul./2016).

O mercado de construção civil, não sofre isoladamente os efeitos da retração econômica do país. Os demais setores, como a auto-indústria, tiveram em 2014, desempenho semelhante, com retração de 15 % nas vendas. Os fabricantes de eletroeletrônicos acusaram queda de 9%. Esta situação é resultante de uma combinação de fatores como a alta da inflação, desemprego crescente, aumento dos juros, restrição no crédito e falta de confiança no governo. (EXAME.COM, 2015).

Mas o mercado de construção tem peculiaridades que tornam sua situação particularmente complexa. O próprio setor contribuiu para sua derrocada, tanto no caso das construtoras de imóveis quanto no caso das empreiteiras. No primeiro grupo, anos de euforia levaram a um excesso de ofertas em algumas grandes cidades — e, em consequência disso, uma paradeira geral nos lançamentos.

O lado mais particular e perverso da crise da construção é o potencial que ela tem de piorar ainda mais a economia brasileira. A começar pelo seu tamanho o setor é responsável por cerca de 6,5% do produto interno bruto do país e emprega, diretamente, mais de 3 milhões de pessoas.

No segmento de imóveis comerciais e residenciais, o maior problema é o excesso de estoque das companhias. Até 2016, pelo menos, a principal missão dessas empresas será se livrar de todos esses apartamentos. Para isso, elas estão dando descontos de até 50% no preço dos imóveis. A ordem é colocar dinheiro em caixa o mais rápido possível para pagar as dívidas e parar de perder dinheiro. (EXAME.COM, 2015).

Nestes termos, trazendo a questão para o caso do município de Belém, o retrato é grande semelhança, pois Belém perdeu 15.605 postos de trabalho em 2014 em relação à

2013, número de empregos formais ativos no município de Belém sofreu uma queda de -3,55%. O setor de atividade que mais sofreu perda foi a agropecuária, extração vegetal, caça e pesca com -80,69%, seguido da extrativa mineral com -41,38% e o setor da construção civil com -17,42%, que possuía 31.102 postos de trabalho em 2013 reduzindo para 25.685 postos em 2014.

Os únicos segmentos que obtiveram crescimento foram Serviços industriais de utilidade pública com 8,93% e a Indústria de transformação com 3,86%, conforme a tabela 1.

Tabela 1: Número de empregos ativos em Belém por setor de atividade 2013-2014

<i>Setor de Atividade</i>	<i>Ano</i>			
	2014	2013	Var. Abs.	Var. Rel. (%)
1 - Extrativa mineral	170	290	-120	-41,38
2 - Indústria de transformação	17.317	16.674	643	3,86
3 - Serviços industriais de utilidade pública	5.097	4.679	418	8,93
4 - Construção Civil	25.685	31.102	-5.417	-17,42
5 – Comércio	77.037	78.262	-1.225	-1,57
6 – Serviços	159.983	157.916	2.067	1,31
7 - Administração Pública	137.376	144.204	-6.828	-4,73
8 - Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	1.231	6.374	-5.143	-80,69
Total	423.896	439.501	-15.605	-3,55

Fonte: MTE/Rais, 2015 – Elaboração dos autores

A tabela 2 apresenta o “boom” e a “queda” do emprego na construção civil em Belém entre 2010 e 2016 por meio do saldo de empregos gerado no setor obtidos no Ministério do Trabalho e Emprego e seu Cadastro Geral de emprego e Desemprego (CAGED), que disponibiliza dados estatísticos de emprego em todos os segmentos da atividade econômica do Brasil.

Percebe-se claramente a desaceleração no setor construtivo a partir de 2014, quando a crise econômica e financeira se configura no Brasil e se aprofunda nos anos subsequentes com reflexos ainda na atualidade do ano 2017.

Tabela 2: Saldo de empregos na construção civil em Belém 2010-2016

<i>ANO</i>	<i>Saldo de empregos</i>	<i>Variação %</i>
2010	9.490	
2011	13.304	40,2
2012	12.217	-8,2
2013	17.982	47,2
2014	3.401	-81,1
2015	-25.104	-838,1
2016	-21.446	-14,6

Fonte: MTE/CAGED, 2016 – Elaboração dos autores

Verifica-se uma queda de -81,1 % no saldo de empregos em 2014 em relação à 2013, o que provocou, em grande medida, uma mudança de comportamento das empresas construtoras e incorporadoras, traduzindo-se em uma queda de mais de -800% no saldo de emprego da construção civil, resultando em uma profunda crise no setor no ano de 2015, se refletindo ainda no ano de 2016.

Ao abordar a dinâmica da construção civil e o mercado formal de emprego neste segmento no contexto da sociedade capitalista e na conjuntura de crise e dos seus efeitos, exige não só uma concepção teórica que dê conta das metamorfoses do capital e do *trabalho vivo*, mas também é necessário que se apontem formas de resistência capazes de anunciar e construir coletivamente um novo projeto de sociedade.

Não é suficiente constatar o que está ocorrendo, pois é necessário, ao mesmo tempo, projetar um futuro para além do capital e do capitalismo, e vislumbrar o que pode significar um “modo de produção dos produtores associados”, centrado, de um lado, na potencialização do “trabalho vivo”, entendido como “trabalho humano” em toda sua plenitude em termos de capacidade inesgotável e infinita de (re) criação e, de outro, na emancipação hegemônica da(s) classe(s) trabalhadora(s), como propuseram Marx e Engels (1998).

Cabe, então, destacar o estratégico papel das cidades para a consolidação do capital enquanto modelo de sociedade. Nesta dinâmica, não só o acesso ao solo é disputado, como também o seu valor é definido. Assim sendo, a cidade é também um complexo mecanismo de exploração e exclusão social, na qual todos os aspectos da vida social são afetados pelo desenvolvimento do capitalismo e manifestam seu caráter desigual no processo de urbanização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do estudo analítico realizado, ficou evidente que o segmento da construção civil como componente da indústria brasileira vive um momento de inflexão dentro do ciclo da economia que se inicia em 2014 e perpassa pelo ano de 2015 e continua por todo o ano de 2016, com reflexos na dinâmica imobiliária com difícil previsibilidade concreta de determinação de mudanças no curto prazo, como noticia um jornal de grande circulação em Belém,

[...] A onda de desemprego em no Pará é tão forte que praticamente todos os setores da economia são atingidos, *noves fora* o extrativo mineral, que responde pela metade do PIB, mas não se destaca exatamente pela geração de emprego. De janeiro a outubro deste ano [2016], por exemplo, empregou 2,6 mil trabalhadores e demitiu 2,3 mil, saldo de menos de 150 postos. A construção civil, porém, despencou: admitiu 41 mil trabalhadores, perdeu 56 mil e tem saldo negativo de 14 mil postos. (O Liberal 31 de dezembro de 2016, 01 de janeiro de 2017).

Assim, durante o ano de 2017 os efeitos da crise ainda se repercutem dada a lenta recuperação que ainda não foi capaz de reverter o quadro neste segmento da atividade econômica que é o que mais emprega no Brasil.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** 13 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CARDOSO, Welson de Sousa. **Mercado imobiliário e verticalização de empreendimentos residenciais na produção da segregação socioespacial em Belém.** (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação de Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU). Belém/PA - 2017.

EXAME.COM, **Construção civil vive crise sem precedentes no Brasil.** Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/109202/noticias/a-crise-e-a-crise-da-construcao>>. Acesso em: 15 out. 2015.

HARVEY, David. O enigma do capital: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011.

LESSA, Sergio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

KONDER, Leandro. **Marx vida e obra.** São Paulo: Paz e Terra, 1968.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política.** 14. ed. Tradução de Reginaldo Sant'anna. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. v.1.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Prólogo de José Paulo Netto. São Paulo: Cortez, 1998.

POCHMANN, Márcio. **Rumos da política do trabalho no Brasil**. In: YAZBEK, Maria C. e, SILVA e SILVA, Maria Ozanira (Org.). Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Milton. **Economia espacial: críticas e alternativas**. 2. ed. São Paulo: USP, 2011.

SINUSCON/PA. **Boletim Econômico**, Belém, Edição 26, fev. 2015.

_____. **Boletim Econômico**, Belém, Edição 12, dez. 2016.

_____. **Boletim Econômico**, Belém, Edição 08, ago. 2017.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana** (análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife). São Paulo: Cia editora Nacional, 1977.